

CONSUMO DE ALIMENTOS ULTRAPROCESSADOS POR CRIANÇAS DA COORTE DE NASCIMENTOS DE 2015 DE PELOTAS/RS

ANNA MÜLLER PEREIRA¹; ROMINA BUFFARINI²; MARIÂNGELA FREITAS DA SILVEIRA³; GABRIELA ÁVILA MARQUES⁴; JANAÍNA VIEIRA DOS SANTOS MOTTA⁵

¹Programa de Pós-Graduação em Epidemiologia – mulleranna@outlook.com

²⁻⁴Programa de Pós-Graduação em Epidemiologia

⁵Programa de Pós-Graduação em Epidemiologia – jsantos.epi@gmail.com

1. INTRODUÇÃO

As diversas transformações sociais, econômicas e culturais que ocorreram no Brasil nas últimas décadas, promoveram uma mudança no estilo de vida e no comportamento alimentar da população brasileira, onde alimentos in natura e minimamente processados foram substituídos por alimentos processados e ultraprocessados (AUP), introduzidos cada vez mais precocemente na alimentação infantil (MONTEIRO et al., 2010; HEITOR, RODRIGUES & SANTIAGO, 2011). Este cenário contribui para o desequilíbrio na oferta de nutrientes e para o alto consumo de alimentos calóricos, o que favorece o desenvolvimento da obesidade que, na população infantil, vem sendo relacionada com introdução precoce e inadequada da alimentação complementar (GIESTA et al., 2019).

Os alimentos ultraprocessados são produtos que sofrem diversas etapas e técnicas de processamento e recebem aditivos como corantes, aromatizantes e realçadores de sabor, utilizados para deixar os produtos mais atraentes e com maior durabilidade nas prateleiras (MONTEIRO et al., 2016). Esses produtos são nutricionalmente desequilibrados, visto que possuem alta densidade energética, alta densidade de gordura, alto teor de açúcar e sódio e pouco teor de fibras e proteínas e devem ser evitados na alimentação infantil, uma vez que o consumo desses alimentos está associado à anemia, ao excesso de peso e à alergias alimentares, além de ter efeitos negativos à longo prazo na saúde das crianças, predispondo-os ao desenvolvimento de doenças crônicas na vida adulta (MONTEIRO et al., 2016; BRASIL, 2013).

Diante disso, o objetivo deste estudo foi avaliar o consumo habitual de 6 ou mais alimentos ultraprocessados, aos 48 meses de idade, por crianças pertencentes à coorte de nascimentos de 2015 de Pelotas/RS, e os fatores demográficos, socioeconômicos e comportamentais associados a este consumo.

2. METODOLOGIA

A Coorte de Nascimentos de 2015 é um estudo longitudinal de todos os nascidos vivos, que ocorreu em Pelotas, cidade de médio porte do sul do Brasil, sendo a mais recente das quatro coortes realizadas na cidade (2015, 2004, 1993 e 1982). As 4.329 crianças, filhas de mães residentes na área urbana da cidade, eram elegíveis para participar do estudo. A taxa de acompanhamento da Coorte de Nascimentos de 2015 aos 48 meses foi de 95,4% (n= 4.010). Mais informações encontram-se disponíveis no perfil da Coorte 2015 (HALLAL et al., 2018).

O desfecho do presente estudo, consumo habitual de alimentos ultraprocessados, foi avaliado aos 48 meses de idade e coletado por meio de um questionário contendo 20 questões relacionadas à alimentação habitual da criança (todos ou quase todos os dias). Os alimentos ultraprocessados contidos no questionário, classificados de acordo com a NOVA classificação, foram: macarrão

instantâneo; refrigerantes; suco de caixinha ou engarrafado, suco em pó ou água de coco em caixinha; nuggets, hambúrguer ou embutidos, como presunto, mortadela, salame, linguiça e salsicha; salgadinhos de pacote (tipo chips); iogurte; biscoitos doces ou bolachas recheadas; balas, pirulitos, chicletes, chocolates ou gelatina e achocolatado adicionado ao leite. Foi definido como ponto de corte para o desfecho, o consumo habitual de 6 ou mais AUP.

As variáveis independentes avaliadas foram sexo da criança, cor da pele da mãe autorreferida (branca, preta, parda), renda familiar em moeda brasileira (coletada como somatória das rendas individuais de todos os moradores da casa e logo categorizada em quintis), idade da mãe em anos (categorizada menor de 20, 20 a 34 e 35 ou mais), escolaridade materna em anos completos de estudos (categorizada como 0 a 4, 5 a 8, 9 a 11 e 12 ou mais), criança mora com irmãos (não/sim), coletadas no acompanhamento perinatal. Obesidade da criança, classificado como acima de dois desvios padrão de IMC/idade na curva de escore Z da OMS e status de amamentação da criança (desmamadas/parcialmente desmamadas), coletadas no acompanhamento dos 12 meses, e a variável. criança frequente creche (não/sim), coletada aos 24 meses.

Em um primeiro momento, a amostra foi caracterizada através de análise descritiva de frequência relativa (%) e absoluta (N). Em seguida, a associação entre o consumo habitual de 6 ou mais AUP e as variáveis independentes foi estimada com análises bivariadas e multivariadas por regressão de Poisson com variância robusta. Razões de prevalência e seus respectivos intervalos de confiança de 95% (IC95%) foram calculados. As análises foram realizadas no software Stata 15.1.

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

Um pouco mais da metade da amostra foi composta por meninos (50,6%), aproximadamente dois terços eram filhos de mãe de cor da pele branca (70,9%) e filhos de mães com idade entre 20 e 34 anos (70,6%), um terço das crianças eram filhas de mães com 9 a 11 anos completos de estudo (34,1%) e um pouco mais da metade (50,9%) eram filhos únicos. Aos 12 meses de idade, 58,8% das crianças já eram desmamadas e 12,3% das crianças apresentava obesidade. Mais de dois terços das crianças não iam para a creche aos 24 meses. A prevalência do consumo habitual de 6 ou mais alimentos ultraprocessados aos 48 meses de idade foi 59,3%.

A tabela 1 apresenta a associação entre consumo habitual de 6 ou mais alimentos ultraprocessados e possíveis fatores de risco aos 48 meses de idade. As crianças filhas de mães de cor da pele preta e morena/parda apresentaram 13% e 7% maior probabilidade de consumirem habitualmente 6 ou mais alimentos ultraprocessados, comparadas com crianças filhas de mãe de cor da pele branca, respectivamente. Esses resultados se assemelham aos encontrados por Flores e colaboradores (2013) que avaliaram dados da PNS e observaram que crianças de cor da pele preta têm maior probabilidade de consumir alimentos considerados não saudáveis. Considerando que a cor da pele é um marcador de nível econômico, este achado pode estar ligado à transição nutricional que possibilitou maior acesso à alimentos considerados não saudáveis para a população em geral que, muitas vezes, busca consumir esse tipo de alimentos em detrimento de alimentos mais saudáveis (SOARES, FRANÇA & GONÇALVES, 2014).

A escolaridade da mãe apresentou uma tendência negativa de associação com o consumo habitual de alimentos ultraprocessados, mostrando que os filhos de mães menos escolarizadas, apresentam maior risco de consumo, comparados aos filhos de mães com maior escolaridade (RP 1.77), corroborando os resultados

encontrados na literatura (SALDIVA et al., 2014; RELVAS et al., 2019). A renda familiar apresentou associação com o consumo habitual de 6 ou mais alimentos ultraprocessados, mostrando que crianças de famílias do quintil de renda mais baixo tiveram o maior risco de consumo de alimentos ultraprocessados (RP 1.25). Alimentos ultraprocessados são de maior praticidade e de maior durabilidade, além de serem altamente palatáveis e apresentarem um baixo custo, comparados à alimentos mais saudáveis como carnes, frutas e vegetais o que pode facilitar o acesso das famílias de menor renda familiar a esse tipo de alimento (GIESTA et al., 2019). Da mesma forma, observou-se que quanto menor a idade da mãe, maior o risco da criança de consumir habitualmente alimentos ultraprocessados.

As crianças que possuem irmãos, apresentaram 6% maior probabilidade de consumir habitualmente alimentos ultraprocessados, do que as crianças que são filhas únicas. A literatura aponta que, além da menor renda e do baixo nível de escolaridade das mães, a presença de irmãos na composição familiar também é um preditor socioeconômico de uma dieta rica em alimentos ultraprocessados (SMITHERS et al., 2012).

Tabela 1 - Consumo habitual de alimentos ultraprocessados e fatores associados, aos 48 meses. Coorte de Nascimentos de Pelotas, de 2015.

	Bruta		Ajustada	
	RP	IC 95%	RP	IC 95%
Sexo		0.804		0.619
Masculino	1.01	0.96; 1.06	1.01	0.96; 1.06
Feminino	ref	-	ref	-
Cor da pele da mãe		<0.001		0.002
Branca	ref	-	ref	-
Preta	1.29	1.22; 1.37	1.13	1.07; 1.20
Morena/Parda	1.22	1.14; 1.31	1.07	0.99; 1.14
Renda familiar		<0.001		0.004
Q1 (mais pobre)	1.85	1.67; 2.04	1.25	1.09; 1.35
Q2	1.71	1.55; 1.89	1.20	1.08; 1.34
Q3	1.58	1.42; 1.75	1.18	1.07; 1.32
Q4	1.50	1.35; 1.67	1.23	1.11; 1.37
Q5 (mais ricos)	ref	-	ref	-
Escolaridade da mãe		<0.001		<0.001
0-4 anos de estudo	2.06	1.88; 2.25	1.77	1.60; 1.97
5-8 anos de estudo	1.91	1.76; 2.07	1.65	1.50; 1.81
9-11 anos de estudo	1.66	1.53; 1.80	1.50	1.37; 1.64
12 anos de estudo ou mais	ref	-	ref	-
Idade da mãe		<0.001		<0.001
Menor de 20 de idade	1.73	1.56; 1.92	1.35	1.22; 1.49
De 20 a 34 anos de idade	1.34	1.21; 1.47	1.23	1.12; 1.35
35 anos de idade ou mais	ref	-	ref	-
Criança frequentou creche		<0.001		0.152
Não	1.27	1.18; 1.35	1.05	0.98; 1.12
Sim	ref	-	ref	-
Criança tem irmão(s)		0.002		0.038
Não	ref	-	1.06	1.01; 1.13
Sim	1.09	1.03; 1.14	ref	-
Status de amamentação até os 12 meses		0.067		0.141
Amamentação parcial	ref	-	ref	-
Desmamados	1.05	0.99; 1.15	1.06	0.97; 1.13
Obesidade aos 12 meses		0.073		0.247

Não	ref	-	ref	-
Sim	1.07	0.99; 1.15	1.04	0.99; 1.10

RP: razão de prevalência

4. CONCLUSÕES

Este estudo mostrou que o consumo habitual de alimentos ultraprocessados aos 48 meses de idade, por crianças da Coorte de Nascimento de 2015 da cidade de Pelotas/RS, é bastante elevado, o que pode causar um efeito negativo na dieta das crianças, visto que são alimentos caracterizados por alto teor calórico, grande quantidade de gordura saturada e sódio, e baixo teor de fibras e proteínas. Nossos resultados reforçam a necessidade de ações de medidas preventivas e ações de educação alimentar e nutricional voltadas à mães de baixa escolaridade, jovens e de baixa renda e, ainda, aos profissionais de saúde, responsáveis por orientações nutricionais, visto que a infância é um importante período para o incentivo e desenvolvimento de práticas alimentares saudáveis.

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- Brasil. Ministério da Saúde (MS). **Dez passos para uma alimentação saudável: guia alimentar para crianças menores de dois anos: um guia para o profissional da saúde na atenção básica**. Brasília: MS; 2013
- Flores, Thaynã Ramos et al. Padrões de consumo alimentar em crianças menores de dois anos no Brasil: Pesquisa Nacional de Saúde, 2013. **Ciência & Saúde Coletiva**, v. 26, n. 02, 2021
- GIESTA, Juliana Mariante et al. Fatores associados à introdução precoce de alimentos ultraprocessados na alimentação de crianças menores de dois anos. **Ciência & Saúde Coletiva**, v. 24, p. 2387-2397, 2019
- HALLAL, Pedro C. et al. Cohort profile: the 2015 Pelotas (Brazil) birth cohort study. **International journal of epidemiology**, v. 47, n. 4, p. 1048-1048h, 2018.
- HEITOR, Sara Franco Diniz; RODRIGUES, Leiner Resende; SANTIAGO, Luciano Borges. Introdução de alimentos supérfluos no primeiro ano de vida e as repercussões nutricionais. **Ciência, cuidado e saúde**, v. 10, n. 3, p. 430-436, 2011
- MONTEIRO, Carlos Augusto et al. Increasing consumption of ultra-processed foods and likely impact on human health: evidence from Brazil. **Public health nutrition**, v. 14, n. 1, p. 5-13, 2010
- MONTEIRO, Carlos A. et al. NOVA. The star shines bright. **World Nutrition**, v. 7, n. 1-3, p. 28-38, 2016
- RELVAS, Gláucia Rocha Barbosa; BUCCINI, Gabriela dos Santos; VENANCIO, Sonia Itoyama. Ultra-processed food consumption among infants in primary health care in a city of the metropolitan region of São Paulo, Brazil☆☆. **Jornal de pediatria**, v. 95, p. 584-592, 2019
- SALDIVA, Silvia Regina Dias Medici et al. The consumption of unhealthy foods by Brazilian children is influenced by their mother's educational level. **Nutrition journal**, v. 13, n. 1, p. 1-8, 2014
- SMITHERS, Lisa G. et al. Associations between dietary patterns at 6 and 15 months of age and sociodemographic factors. **European journal of clinical nutrition**, v. 66, n. 6, p. 658-666, 2012
- SOARES, Ana Luiza Gonçalves; FRANÇA, Giovanny Vinícius Araújo De; GONÇALVES, Helen. Household food availability in Pelotas, Brazil: An approach to assess the obesogenic environment1. **Revista de Nutrição**, v. 27, p. 193-203, 2014